

Otávio Delameza

# GÊNIO E CULTURA

## Síntese Futurista

3 05

de UMBERTO BOCCIONI

Personagens: O ARTISTA  
O CRÍTICO  
A MULHER

*Ao centro, uma rica mesa de toilette, com espelho, diante da qual uma mulher elegantíssima, já vestida para sair, acaba de se maquilar. À direita, de costas voltadas para o toilette, o Crítico, criatura ambígua, neutra, sem idade definida, está sentado a uma secretária atulhada de livros e papéis, sobre a qual reluz um grande corta-papéis de metal. À esquerda, o Artista, jovem, elegante, sentado no chão sobre ricas almofadas, remexe nervosamente os desenhos contidos numa grande pasta.*

*O ARTISTA (fechando a pasta, com a cabeça entre as mãos) — É terrível (Pausa) É preciso sair daqui. Ultrapassar. Renovar-me! (Levanta-se, rasgando com as mão nervosas desenhos que extraiu da pasta) Libertar-me! Todas estas formas gastas, vazias... Tudo é mesquinho e fragmentário... Oh! a Arte! Quem, quem poderá ajudar-me? (Olha à sua volta; continua a rasgar desenhos, em movimentos dolorosos e convulsivos).*

*A MULHER, que está ao seu lado, não o ouve. O CRÍTICO volta-se aborrecido e, enquanto se aproxima, vai abrindo as páginas de um livro de capa amarela.*

*O CRÍTICO (em parte interrogando a Mulher, em parte para si) — Mas que diabo terá acontecido àquele palhaço para se agitar e gritar daquela maneira?*

*A MULHER (sem olhar) Ora... É um artista... Quer renovar-se e não tem onde cair morto...*

TEATRO FUTURISTA

O CRÍTICO (*muito espantado*) Coisa estranha... Um artista? Não é possível! Há vinte anos que estudo profundamente esse fenômeno maravilhoso, e não o reconheço como tal... (*Observando-o com curiosidade arqueológica*) Este homem é um doido! Ou um agente de publicidade. Diz ele que quer renovar-se. Mas a criação artística é uma coisa serena. A obra de arte faz-se por si, no silêncio e no recolhimento, com a mesma naturalidade do rouxinol quando canta... O espírito enquanto espírito, dizia Hegel...

A MULHER — Então, se sabe como se faz, porque é que não lhe ensina? Pobre rapaz! Mete dó.

O CRÍTICO (*empertigando-se*) Minha senhora, há séculos que a crítica diz aos artistas como se faz uma obra de arte... Sabido que a ética e a estética são funções do espírito...

A MULHER — E o senhor já fez alguma obra de arte?

O CRÍTICO (*surpreendido*) — Eu? Nunca!

A MULHER (*rindo maliciosamente*) — E então, sabe como se faz e nunca fez! Por outras palavras, é neutro! Não deve ter interesse nenhum na cama. (*Torna a ocupar-se da sua maquilagem*).

O ARTISTA (*sempre numa dolorosa agitação, passando nervosamente, torcendo as mãos*) — A glória, meu Deus! A glória! (*Estendendo os braços*) Sou forte! Sou jovem! Nada há que eu não possa defrontar! Oh! divina luz elétrica! Sol... Elettrizar as multidões: incendiar-las! Dominá-las!

A MULHER (*olhando-o com simpatia e comiseração*) — Pobrezinho... E tudo isso por não ter dinheiro...

O ARTISTA (*levando a mão ao peito*) — Ah! Sinto-me ferido... Não posso mais... (*Na direção da Mulher, que não o ouve*) Oh! uma mulher! (*Ao Crítico, que não parou de abrir e folhear o livro*) O senhor! O senhor, que é um homem, oiça-me... Ajude-me!

O CRÍTICO — Vamos devagar... É preciso distinguir: eu não sou um homem, sou um crítico. Sou um homem de cultura. Pelo contrário, o artista é um homem, um escravo, uma criança, e por isso mesmo erra. O seu não é capaz de se distinguir a si próprio. Nele a natureza é o caos. Mas entre a natureza e o artista, há o crítico e a história. A história é história, isto é, fato subjetivo,

porque fato quer dizer história. Em contrapartida, se fosse objetivo...

*Ao ouvir estas palavras, o Artista, que até aí o escutara boquiaberto cai sobre as almofadas como que fulminado. Mas o Crítico não dá por isso, volta-se e torna lentamente à sua secretária, onde continua sua consulta.*

A MULHER (*aterrada, levanta-se*) — Meu Deus! Mas este pobre rapaz vai morrer! (*Ajoelha-se ao lado do Artista e acaricia-o docemente*).

O ARTISTA (*reanimando-se*) — Minha senhora... Obrigado! Oh! o amor... sim... talvez o amor... Como a senhora é bela. Escute... Se soubesse como é terrível, a luta sem amor... Quero amar, entende? Quero amar...

A MULHER (*separando-se dele*): Sim, meu amigo, compreendo-o... mas agora não tenho tempo. Tenho de sair. O meu amigo espera-me. E pode ser perigoso... É um homem que me dá uma boa situação...

O CRÍTICO (*embaraçadíssimo*) — Que se passa? Não percebo nada...

A MULHER (*irritada*) — Cale-se, imbecil! O senhor nunca há de perceber coisa nenhuma! Ande, ajude-me a levantá-lo. E desapertar-lhe o colarinho que está a sufocar.

O CRÍTICO (*cada vez mais embaraçado*) — Um momento! (*Abre o livro que estava a ler e coloca os outros à parte sobre a cadeira*) — Hegel... Kant... Hartmann... Spinoza...

A MULHER (*solícita, junto do Artista, grita irritada*) — Mexa-se! Venha ajudar-me a desapertá-lo.

O CRÍTICO (*sem compreender*) — Como diz?

A MULHER — Aproxime-se. Tem medo? Depressa... No fundo, é um artista que morre de ideal...

O CRÍTICO (*aproxima-se com extrema prudência*) — Mas nunca se sabe... É um impulsivo... Um passional... Um indivíduo sem controle... sem cultura... Em suma, prefiro os mortos... Sinto-me melhor na sua companhia... O artista deve ser... (*Tropeça e cai pesadamente sobre o Artista, ferindo-o no pescoço com o corta-papéis*).

A MULHER (*levanta-se gritando*) — Idiota! Assassino! Matou-o! Tem as mãos vermelhas de sangue!

O CRÍTICO (*levanta-se estupidamente*) Eu? Que está a dizer? Não compreendo... As mãos vermelhas? Vermelhas? A senhora sofre de daltonismo.

A MULHER — Basta! Basta! (*Volta ao toilette*) É tarde. Tenho de ir-me embora. O meu amigo está me esperando. (*Enquanto sai*) Pobre rapaz! Era simpático... Tinha uma bonita figura... (*Sai*)

O CRÍTICO — Cada vez entendo menos... (*Olha demorada e atentamente o Artista morto*) Deus do céu! Está morto! (*Aproxima-se para observá-lo*) O Artista morreu! Enfim! Agora posso respirar. Escreverei uma monografia... (*Dirige-se lentamente à sua secretária. Tira de uma gaveta uma barba com um metro de comprimento e põe na no queixo. Em seguida põe os óculos, pega num lápis e um bloco e procura entre os livros sem encontrar. Irrita-se pela primeira vez, bate com os punhos e grita*) A Estética! Onde está a Estética? (*Acaba por encontrar um grosso volume, que aperta contra o peito voluptuosamente*) Ai! Aqui está ela!

*Em passos lépidos, vai acocorar-se junto do Artista morto, semelhante a um corvo. Contempla o cadáver, enquanto escreve, ao mesmo tempo que vai falando em voz alta.*

O CRÍTICO — Cerca de 1915, viveu na Itália um grande e genial artista... (*Tira da algibeira um metro, com o qual mede o cadáver*) Como todos os grandes artistas, tinha um metro e sessenta e oito de altura... e de largura... (*Enquanto fala, o pano cai*)



# AI VÊM ELES

UM DRAMA DE OBJETOS

3 PS

de FILIPPO TOMMASO MARINETTI

*Sala elegante. É de noite. Um grande lustre aceso. Ao fundo, à esquerda, uma porta envidraçada que dá para um jardim. Ao longo da parede da esquerda, mas sem estar encostada contra ela, uma grande mesa retangular coberta por uma toalha. Ao longo da parede da direita (na qual se abre uma porta), uma enorme poltrona, de alto espaldar, a cujos lados estão alinhadas oito CADEIRAS, quatro de cada lado.*

*Entram pela porta do fundo um Mordomo e dois Criados de libré.*

O MORDOMO — Aí vêm eles. Ponham tudo nos seus lugares. *(Sai)*

Os dois Criados, rapidamente, dispõem as oito cadeiras em forma de ferradura à volta da poltrona, que continua no mesmo lugar, assim como a mesa. Depois vão até a porta do fundo, de onde ficam a olhar para fora, de costas voltadas para o público. Um longo momento de espera. Reaparece o MORDOMO, ofegante.

O MORDOMO — Contra-ordem. Estão cansadíssimos. Tragam almofadas e bancos. *(Sai)*

Os dois Criados saem rapidamente pela porta da direita e tornam a entrar em seguida, carregados de almofadas e bancos. Depois pegam na poltrona, colocam-na no meio da sala e dispõem as cadeiras — quatro em cada lado — com as costas voltadas para a poltrona. Em seguida põem almofadas em cada cadeira e na poltrona, e em frente de cada banco. Depois vão de novo até a porta do fundo e olham para fora. Longo momento de

Todas as pessoas dotadas de sensibilidade e imaginação decerto observaram muitas vezes as atitudes impressionantes e cheias de misteriosas sugestões que os móveis em geral, e em especial as cadeiras e poltronas, assumem num aposento onde viveram seres humanos pouco tempo antes.

Desta observação parti para criar a minha síntese. As oito cadeiras e a grande poltrona, nas várias mudanças de posição a que sucessivamente se sujeitam para receber os que estão para chegar, adquirem pouco a pouco uma estranha vida fantástica. E o espectador, no final, ajudado pelo alongar lento das sombras em direção à porta, deve sentir que as cadeiras *vivem* verdadeiramente e, sozinhas, põem-se em movimento para sair.

O MORDOMO (*torna a entrar, ofegante*) — Estão com fome. Ponham a mesa. (*Sai*)

Os dois criados deslocam a mesa para o meio da sala, dispõem à sua volta a poltrona — que ocupará a cabeceira — e as cadeiras; depois, saindo e entrando rapidamente pela porta da direita, colocam sobre a mesa: uma jarra com flores, um cesto com pão, oito garrafas de vinho, pratos e talheres. Uma das cadeiras deverá ficar encostada contra a mesa, com as pernas de trás no ar, como é costume fazer nos restaurantes para indicar que um lugar está reservado. Depois de concluir o seu trabalho, os dois criados vão de novo à porta do fundo.

Longo momento de espera

O MORDOMO (*entra a correr*) — Briccatirakamé-kamé! (*Sai*)

Imediatamente os dois Criados colocam a mesa — que continua posta — no lugar que ocupava ao subir o pano. Depois colocam a poltrona em frente da porta envidraçada, obliquamente, dispendo atrás dela em fila indiana e em diagonal as oito cadeiras, de modo a atravessarem a cena. Em seguida apagam o lustre. A cena fica palidamente iluminada pela luz do luar que se escoia pela porta envidraçada. Encolhidos a um canto, tremendo, os dois Criados esperam, com visível angústia, que as CADEIRAS entrem da sala.



## ATO NEGATIVO

de BRUNO CORRA e E. SETTIMELLI

*Entra um homem muito agitado, muito preocupado; despe o sobretudo, tira o casaco, e passeia furiosamente de um lado para outro da cena, dizendo ao mesmo tempo:*

O HOMEM — Uma coisa fantástica! Incrível!

*Volta-se para o público, irrita-se ao vê-lo, e depois avança ao proscênio e diz, em tom categórico:*

O HOMEM — Eu... não tenho absolutamente nada para lhes dizer! Desçam o pano!

*E o pano desce.*



## PASSADISMO

de EMILIO SETTIMELLI

205

### 1.º ATO

*Um velho e uma velha estão sentados a uma mesa, em frente de si. Na parede, um calendário.*

O VELHO — Como te sentes?

A VELHA — Menos mal. E tu?

O VELHO — menos mal. *(Pausa)* Amanhã vai estar um dia bonito. *(Pausa)* Mudemos, como de costume, a folha do calendário: 10 de janeiro de 1860. *(Pausa)* Comeste bem?

A VELHA — Menos mal, obrigada.

O VELHO — E a tua dispepsia?

A VELHA — Comi bem e fiz bem a digestão. Sinto-me feliz.

O VELHO — Também eu.

*(A cena escurece)*

### 2.º ATO

*A mesma cena. A mesma disposição das personagens.*

O VELHO — Como te sentes?

A VELHA — Menos mal. E tu?

O VELHO — Menos mal. *(Pausa)* Amanhã vai estar um dia bonito. *(Pausa)* Mudemos, como de costume, a folha do calendário: 10 de janeiro de 1880. *(Pausa)* Comeste bem?

A VELHA — Menos mal, obrigada.  
O VELHO — E a tua dispepsia?  
A VELHA — Comi bem e fiz bem a digestão. Sinto-me feliz.  
O VELHO — Também eu.

(*A cena escurece*)

### 3.º ATO

*A cena escurece. A música começa a tocar. Os personagens.*

O VELHO — Como te sentes?

A VELHA — Menos mal. E tu?

O VELHO — Menos mal. (*Pausa*) Amanhã vai estar um dia bonito. (*Pausa*) Mudemos, como de costume, a folha do calendário: 10 de janeiro de 1910.

A VELHA — Meu Deus! que aperto no coração! Morro... (*Cai e fica imóvel*).

O VELHO — Meu Deus! que aperto no coração! Morro... (*Cai e fica imóvel*).

Livros consultados:

*Futurist Manifestos*/Thames & Hudson/Londres  
Teatro Moderno, L. F. Rebello — Soc. Editorial — Lisboa 2.ª edição 1964

*Nós condenamos todo o teatro contemporâneo, pois que todo este é prolixo, analítico, preciososamente psicológico, explicativo, diluído, meticuloso, estático, cheio de proibições como um colégio, dividido em celas como um mosteiro, coberto de bolor como uma velha casa desabitada.*